

---

O MORALISMO E OUTROS ELEMENTOS INTERPRETATIVOS DA  
HISTORIOGRAFIA DE SALÚSTIO

Laurindo DALPIAN  
UFSM

Salústio, historiador romano (86-35 a.C.), é particularmente lembrado por duas obras: *A conjuração de Catilina* e *A guerra de Jugurta*. Em termos de Roma, foi um autor revolucionário, porque sua narrativa historiográfica assume uma postura que se opõe à dos analistas e cronistas que o precederam. Esses eram criticados pelos contemporâneos por sua falta de arte e pobreza de estilo. Nesse sentido, é possível ver em Salústio um seguidor dos princípios expostos por Cícero (106-43 a.C.) para a historiografia, mesmo que isso possa causar certa celeuma em quem está habituado a ver os dois escritores como inimigos, com base em supostas desavenças político-partidárias, ideológicas ou, até, por questões de estilo. Não se pretende aqui, porém, negar a existência de divergências pessoais entre os dois, mas estas devem ter-se limitado a problemas do dia-a-dia, sem interferir nos objetivos maiores da ciência ou da arte. Cícero disseminou, em suas obras, considerações diversas que conduzem a uma teoria da história. Sua teorização tem como ponto de partida a idéia de que uma obra de história deve ser artística,

---

interpretativa, de estilo adequado, e despertar no leitor o prazer estético. Numa leitura atenta de Salústio todas essas características podem ser comprovadas.

Dentro dos propósitos desse trabalho são colocados inicialmente os seguintes questionamentos: É possível, em História, total objetividade ou completa isenção do autor? Até que ponto a seleção do assunto, das fontes, dos testemunhos ou a própria omissão de determinados fatos não implica a introdução de elementos subjetivos? Pode, enfim, o autor interferir no mérito dos fatos que está narrando?

De acordo com Cícero, sim, pois o historiador deve dar seu parecer sobre o planejamento dos fatos e sobre eles dizer não apenas o que foi feito ou dito, mas de que maneira o foi e, quanto aos resultados, deve apresentar as causas, distinguindo o que é fruto do acaso, da sabedoria ou da temeridade (De or. II, XV, 63). Nessa visão de historiografia, não se trata apenas de inventariar os fatos, à moda dos já citados analistas e cronistas, mas torna-se imprescindível também o desenvolvimento de princípios de causalidade, de modalidade e de finalidade, para o que conta muito, sem dúvida, a experiência e a vivência do autor. Numa carta dirigida ao amigo Luceio (Fam. V, XII, 4), Cícero afirma que o autor poderia valer-se dos próprios conhecimentos das revoluções para explicar as causas dos movimentos revolucionários ou para mostrar os remédios contra os males, censurando o que julgasse condenável ou elogiando o que fosse conforme a seus próprios posicionamentos. Em outro livro, ainda, comenta que Tucídides foi um intérprete dos fatos, competente, bem fundamentado e ponderado (Or. IX, 31).

---

Vê-se, por essas afirmativas, que a subjetividade esclarecida do autor é importante.

Isto posto, quais são os elementos interpretativos da História de Salústio? Em primeiro lugar observa-se que seu trabalho é altamente ideológico, em especial no que diz respeito ao campo da psicologia e da política, marcado por um forte conteúdo humano. De fato, entra ele na alma dos indivíduos e desvenda as tendências dos grupos. Seus retratos, discursos e quadros das multidões mostram o comportamento, as ansiedades e as respostas diante de momentos decisivos. É como se o fluir histórico brotasse do próprio coração humano, mostrando que todo ato histórico é fruto de uma decisão pessoal. O encadeamento dos fatos e sua repetição não se dão ao sabor das circunstâncias, de forma imprevisível, mas com fundamentação nas tendências irreversíveis da natureza humana. Os princípios do agir humano, em última análise, estão dentro das próprias pessoas. Essa interiorização das causas é bem característica de Salústio e revela um posicionamento ideológico que não se compraz com uma narrativa fria e descolorida.

Syme (1968, p.271) entende que o pensamento de Salústio é fruto de um engajamento político mais antigo e de toda uma experiência pessoal, de romano e de senador, e não tanto consequência de sua educação na juventude ou de suas leituras. A experiência, sem dúvida, permite-lhe também uma capacidade sempre presente de veicular seu objetivo de escrever história. Para tanto, recria e vive em si mesmo o passado, destacando as circunstâncias, as possibilidades, as leis, os costumes, bem como a vontade, as faculdades, os sentimentos dos personagens. Dessa forma chega a identificar consigo mesmo a ação

---

histórica e, para poder melhor compreendê-la e julgá-la, entra nos fatos, interpreta-os, analisa-lhes causas e conseqüências. Nesse sentido, Richard (1970, p.48) diz que Salústio é um reflexo fiel de seu tempo, e Pastorino (1978, p.5) qualifica-o como um intérprete lúcido e penetrante da crise política e moral que assolava a vida e as instituições da república.

A historiografia salustiana difere da historiografia definida como simples elaboração de crônicas, exposta na *Poética*, de Aristóteles. Por outro lado, porém, Salústio não organiza e estrutura os fatos históricos com modelos criados por ele próprio, mas desenvolve princípios explicativos que dão um sentido aos fatos, sem desfigurar sua constituição objetiva. Ele é um historiador que faz os fatos falarem e se expressarem com a eloqüência que, ao natural, deles emana. Leva em conta as tendências irreversíveis do homem, fonte de todo fluir histórico. Assim sendo, é a natureza humana que vai funcionar como um fundamento objetivo para a lógica da História.

Um forte elemento interpretativo que acompanha toda a obra de Salústio é o moralismo. Na corrupção dos costumes está, segundo ele, a principal causa dos males da decadente república romana. E não se contenta apenas em indicar a causa, ele receita o remédio: voltar aos costumes severos dos antepassados, retomar a vida austera, comedida e disciplinada que construiu a grandeza de Roma. Essa fuga para o passado dá a impressão de uma certa dificuldade para entender o próprio tempo. Não viu ou não quis ver causas mais objetivas e concretas como, por exemplo, a dificuldade de gerir um império tão vasto

---

ou os rotineiros problemas de ordem econômica e social ou, ainda, causas ligadas à evolução normal do devir histórico?

Mazzolani (1983, p.30) diz que ele pôs sua utopia no passado e queria que ela orientasse o presente. E La Penna (1959, p.127) afirma, por sua vez, que também Tucídides fez uma análise crítica do passado para explicar o presente, mas Salústio procurou no passado um modelo ético-político, uma espécie de valor perdido, numa afirmação de valores eternos. Também Lepore (1969, p.61) entende que a contradição essencial de Salústio está no fato de querer a renovação de Roma, da tradição política, e não encontrar outras formas que as do passado.

A partir dessa racionalização pode-se entender melhor as lacunas de seu pensamento histórico, evidenciadas por essa apresentação da moralidade como chave explicativa de todos os males, quando lá estavam as mudanças econômicas e sociais, bem presentes e na maior evidência. O certo é, porém, que esse estado de coisas não era nada favorável à tradição e aos privilégios aristocráticos. E como Salústio também usufruía das benesses do poder, poder-se-ia questionar se sua decepção existencial não foi maior, talvez, que sua decepção política.

Essa visão moralista fazia parte de uma ideologia mais ou menos generalizada em Roma, especialmente dentro da aristocracia. O próprio Cícero também dividia tal pensamento. Marinangeli (1969, p.83) confirma que Cícero tentou uma recuperação da república, mas não soube ver mais além diante de uma realidade que apontava para novos tempos e para novas expectativas. Em *De republica*, (V. 1) ele liga a crise política de Roma à corrupção dos costumes e ao abandono das virtudes dos antepassados. E La Penna (1959, p.138) chega ao ponto de

---

afirmar que, se alguém quiser confrontar Salústio com o *De republica*, vai encontrar diferenças bem menores do quanto poderia esperar. Essas semelhanças se concentram no diagnóstico e no remédio moralístico para a crise, no chamamento contínuo aos costumes dos antepassados, no incitamento à concórdia dos cidadãos, na repulsa a uma democracia igualitária e nos freqüentes apelos à liberdade e à coisa pública. São todos elementos que contribuem para uma interpretação da história.

Conforme a versão ciceroniana, antes de Sila, a dominação do povo romano sobre os territórios conquistados era moderada e aceitável; era, por assim dizer, uma espécie de protetorado (*patrocinium orbis terrae*); mas, com Sila, transformou-se num aberto imperialismo (*De off.* II, 8, 27). Cícero atribui a Sila a culpa das proscricções. Acusa-o de luxúria, avareza e crueldade (*De fi.* III, 75).

Salústio segue esse mesmo caminho quando considera o Estado antigo uma idade de ouro, idealizada pelo predomínio da concórdia e da virtude (*Cat.* IX), e o Estado novo, uma idade de ferro, marcada pela avareza e pela ambição (*Cat.* X-XIII). Define o fim do reinado da virtude e o começo da dominação da avareza em dois momentos históricos distintos: a) na eliminação do perigo externo ou na queda definitiva de Cartago em 146 a.C. (*Cat.* X, 1); b) na dominação de Sila (*Cat.* XI, 4). Descreve, a seguir, o modo como Sila favoreceu a disseminação da avareza e complementa dizendo: "Depois que a riqueza passou a dar status, provindo dela glória, poder e força, começou a decadência da virtude, a pobreza passou a ser considerada uma desonra e a honestidade, má vontade" (*Cat.* XII, 1).

---

Em todo caso, o diagnóstico social de Salústio mostra o poder da riqueza e a ganância de uma aristocracia arruinada. Com a queda de Cartago, não havia mais inimigos externos que pusessem em risco o Estado. Vivia-se uma época em que as preocupações dos políticos não estavam voltadas aos interesses comuns mas, sim, cada um lutava por suas vantagens pessoais. Não é esse um privilégio exclusivo dos romanos, pois o próprio Tucídides afirmava, já em seu tempo, que a causa de todos os males de então era o desejo do poder, inspirado pela ambição e pela avareza, e pela tendenciosidade, típica dos homens de partido (III, LXXXII, 8).

De acordo com La Penna (1968, p.298), Salústio acusa a nobreza romana de formar um grupo fechado que usufruía egoisticamente dos frutos das conquistas, de ser a responsável pela decadência dos costumes e pelo perigo sempre presente de uma convulsão social. E esse perigo existiria como consequência da deterioração dos valores morais, pela facciosidade dos nobres e pela demagogia dos democráticos, alimentada, essa última, com a proletarização das classes médias urbanas e rurais, sem esquecer o caso particular do surgimento de um exército profissional. À eliminação do inimigo externo vai corresponder o fortalecimento de um inimigo interno, talvez mais perigoso.

La Penna (1959, p.150) aponta, com Syme, fatores bem mais concretos que os morais para a crise de Roma: a revolução romana pressupõe a formação de uma plutocracia, de um proletariado urbano, de um proletariado militar e de classes economicamente fortes em toda a Itália, bem como a extinção de classes médias agrícolas, dando assim, seqüência a um processo que teve início alguns séculos antes.

---

Afirma, ainda, que seria um engano pensar que a revolução romana se reduza a uma revolução meramente política.

Para Salústio, já ia muito longe o tempo de uma Roma simples e modesta, do estado constituído essencialmente de agricultores, de costumes severos. Roma cresceu muito e teve o mundo a seus pés (*Cat.* VI). Mas dos povos vencidos importou novos costumes, novas necessidades e outras leis. As classes menos favorecidas passaram a reivindicar sempre mais e conquistaram muitos direitos. O imperialismo, na ânsia de conquistar novas regiões, incentivou muitos homens a se alistarem no exército, provocando o esvaziamento dos campos. Ao voltarem das guerras, com novos hábitos, os soldados permaneciam em Roma, vivendo das distribuições públicas de trigo e de outros expedientes, negando-se a voltar para a vida dura dos campos. Uma burocracia formada por homens sem escrúpulos passou a cuidar da administração das províncias. Pró-pretores e pró-cônsules zelavam mais por seus interesses particulares, saldando dívidas contraídas em Roma e procurando garantir o resto de seu dias. Ao antigo patriciado juntou-se uma nova classe social, a dos plutocratas, que detinha o poder do dinheiro, enquanto a antiga nobreza se ressentia da perda de muitos privilégios, com o desaparecimento, inclusive, de muitas famílias. Quem comandava o espetáculo era o dinheiro. Por toda parte, ociosidade e luxo. A antiga modéstia foi substituída pela licenciosidade. Os crimes mais hediondos passaram a ser vistos com a maior naturalidade. Os ricos romanos viviam um verdadeiro deslumbramento, longe das tradições dos antepassados. A simplicidade do viver, os costumes tradicionais ganharam rivais mais fortes: a devassidão e a corrupção. Toda essa

---

descrição faz parte de uma digressão em que Salústio resume a história de Roma (*Cat.* VI-XIII). Elementos interpretativos desse teor ponteiavam toda a obra. Em termos metodológicos, atendem perfeitamente à teorização de Cícero. Dessa forma, a história de Salústio se caracteriza não como uma mera coleção de fatos. Há nela uma visualização dos nexos lógicos de causa e efeito, mostrando o encadeamento dos fatos a partir das paixões dos indivíduos e das multidões, como se fossem os atores no grande drama da história. Há uma profunda sensibilidade e entendimento da psicologia humana. Na medida em que Salústio analisa o jogo de forças que atinge a sociedade romana como um todo (idéias, paixões, riquezas, circunstâncias materiais e morais), consegue ele atingir o universal humano, instaurando uma teoria da causação que irá projetá-lo como homem de ciência. Nesse contexto, sua história assume um sentido universalizante, pois há toda uma preocupação com as leis e as constâncias que governam as relações entre os acontecimentos humanos.

I. TEXTOS LATINOS, TEXTOS GREGOS E TRADUÇÕES

CICERO. *De finibus bonorum et malorum*. With an english translation by H. Rackham, M. A. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. The loeb classical library, XVII.

CICÉRON. *Correspondance*. Tome II. 4. tir. rev. e corr. Texte établi et traduit par L.A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

\_\_\_\_\_. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

\_\_\_\_\_. *La république*. Texte établi et traduit para Esther Bréguet. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

\_\_\_\_\_. *L'orateur*. Du meilleur genre d'orateurs. Texte établi par Henri Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1921.

CICERONE. *I doveri*. Con un saggio introduttivo e note di Emanuele Narducci. Traduzione di Anna Resta Barile. 3. ed. Milano: Rizzoli, 1992.

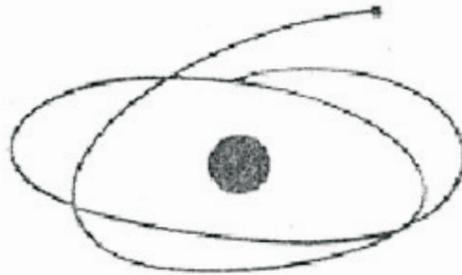
SALLUSTE. *Catilina*. Jugurtha. Fragments des histoires. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

THUCYDIDE. *La guerre du Peloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de Romilly. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

---

## II. BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

- LA PENNA, A. L'interpretazione sallustiana della congiura di Catilina. *Studi italiani di filologia classica*. Firenze, 1959, v. XXXI, n. 2, p.127-168.
- \_\_\_\_\_. *Sallustio e la "rivoluzione" romana*. Milano: Feltrinelli, 1968.
- LEPORE, Ettore. Sallustio e i suoi tempi. In: PASTORINO, Agostino (org). *Sallustio*. Milano: Mursia, 1978, p.54-65.
- MARINANGELI, Giacinto. Cicerone e Sallustio. In: PONTIERI, Ernesto (org). *Sallustiana*. L'Aquila: Japadre, 1969, p.79-116.
- MAZZOLANI, Lidia Storoni. Prefazione. In: SALLUSTIO. *La guerra di Giugurta*. 2.ed. Milano: Rizzoli, 1983. p.7-31.
- PASTORINO, Agostino. Introduzione. In: PASTORINO, Agostino (org). *Sallustio*. Milano: Mursia, 1978, p.5-22.
- RICHARD, Jean Claude. Salluste témoin et juge de son temps. *Revue des études latines*. Paris, 1970, 48<sup>o</sup> année, p.48-58.
- SYME, Ronald. *Sallustio*. Traduzione di Sandro Galli. Brescia: Paideia, 1968.



C A P E S

1997  
PALLOTTI  
SANTA MARIA - RS  
FONE: (055) 222.3050